



Nº 24, OUTUBRO DE 2018 / E-MAIL: por.secundarista@gmail.com / BLOG: <https://secundaristas.wordpress.com> / www.pormassas.org

POLÍTICA OPERÁRIA

A luta da juventude deve ser pela independência de classe!

Pelas reivindicações vitais de defesa da maioria oprimida.

O primeiro turno das eleições 2018 se encerrou com uma forte polarização entre o candidato da ultradireita, Jair Bolsonaro (PSL), com 46,03% dos votos, e Fernando Haddad (PT), identificado como de esquerda, com 29,28%. Ciro Gomes (PDT) ficou em terceiro, com 12,47%. A abstenção atingiu 20,32%, o maior percentual desde 1998, o que significa que quase 30 milhões de eleitores que estavam aptos não compareceram às urnas. Os votos brancos representaram 2,65% e os nulos 6,14%, somando mais de 10,3 milhões de votos.

Bolsonaro se projetou por representar a fração capitalista que se coloca pelos métodos ditatoriais de combate à luta de classes, com poderosa influência das igrejas evangélicas, dos grandes capitalistas do setor de comércio e das bancadas ruralista e da segurança pública (do “boi” e da “bala”). Essa ampla aliança anti-PT compensou o reduzido peso do PSL. Haddad, por sua vez, expressa o método da conciliação de classes e um programa de reformas sob o capitalismo. Contou com uma forte transferência de votos do ex-presidente Lula. Vale lembrar que essa foi a primeira eleição desde o golpe de Estado, que destituiu Dilma Rousseff, também do PT, e colocou em seu lugar a ditadura civil de Temer.

O fundamental é compreender que as eleições ocorrem em meio à uma profunda crise econômica, que afeta milhões de brasileiros, em particular a juventude, com índices elevadíssimos de desemprego, subemprego, ampliação da miséria e da violência. Há um grande sentimento de insatisfação e de revolta, bem como uma enorme desconfiança da população assalariada com relação aos políticos tradi-

cionais. Um dos sintomas disso foi a reduzida votação do candidato que expressava mais fielmente os interesses da burguesia, que era Geraldo Alckmin, do PSDB, partido que fica fora do segundo turno pela primeira vez desde 1994.

É preciso entender que essa direitização da política burguesa está dirigida a conter a revolta dos explorados e da juventude pobre. E que qualquer governo eleito terá de dar continuidade às reformas antinacionais e antipopulares (reforma trabalhista, terceirização, reforma do ensino médio e privatizações), seja Bolsonaro, seja Haddad. No dia seguinte às eleições, o governo eleito manterá a política econômica e social de sustentação da gigantesca dívida pública. Portanto, continuará pagando a dívida pública, que consome 50% do orçamento do País. Terá de governar de acordo com os interesses da burguesia.

A Corrente Proletária Secundarista se dirige à juventude defendendo o princípio da independência de classe, o que significa não se deixar arrastar pelas disputas entre as diferentes frações da burguesia. Nenhuma ilusão nas eleições! A crise econômica persistirá e a juventude, assim como o conjunto dos explorados, necessitará defender suas condições de vida. Para isso, precisará estar preparada para enfrentar o pior: aumento da miséria, dos ataques sobre os empregos, salários e direitos por parte dos governos e da burguesia. Está aí por que defendemos no 1º e 2º turnos o voto nulo pela construção do partido operário revolucionário, capaz de dirigir a luta da classe operária contra a exploração do trabalho, pela revolução proletária e pela constituição de um governo operário e camponês.

ESTUDANTES REALIZAM MAIS UMA MANIFESTAÇÃO CONTRA A REFORMA DO ENSINO MÉDIO E A BNCC

No dia 25/09, os secundaristas de SP fizeram um ato na estação Hebraica-Rebouças, contra a Reforma do Ensino Médio e a BNCC. O ato teve pouca adesão, mas não é o caso de abaixar a guarda! É positivo que uma vanguarda do movimento estudantil secundarista continue apontando o método da ação direta, enquanto diversas correntes e partidos de esquerda estão enfiados até o pescoço na lama das eleições.

É hora de ampliar o movimento. Mas, para isso, é preciso sair do isolamento, chamar atos em pontos estratégicos em cada cidade, centralizados, massivos e junto com os profes-

res, funcionários de escola e trabalhadores em geral. É necessário vincular a bandeira de luta contra a reforma/BNCC, com a luta pela derrubada das outras reformas antinacionais e antipopulares de Temer, partindo das necessidades mais sentidas dos explorados: trabalho, salário, alimentação, moradia etc.

O boletim da Corrente Proletária Secundarista vem mostrando o quanto estas reformas são nefastas para a juventude oprimida e explorada. A tarefa a cumprir é massificar o movimento e seguir ocupando as ruas com a palavra de ordem: “SE A REFORMA PASSAR, A GENTE VAI OCUPAR!”.

Não há grêmios estudantis autônomos sem eleições livres

Depois das ocupações de escola em 2015 e 2016, o governo do estado de SP passou nitidamente a tentar conter o movimento estudantil, buscando ganhar a simpatia de uma parte da juventude. Pretende colocar uma máscara de democracia sobre a realidade autoritária das escolas. Um exemplo disso é o projeto “Gestão em Foco”, o qual, entre outras ações, tem buscado reforçar a submissão dos grêmios estudantis em relação às equipes gestoras de cada unidade. Quer evitar novas ondas de mobilização que escapem ao seu controle.

Do ponto de vista do governo, é melhor ter grêmios sob o seu domínio e, para isso, tem estimulado a eleição de chapas com esse perfil. Uma das formas para consegui-lo é impor regras absurdas para o estudante integrar uma chapa, como ter “bom comportamento” (quem decide isso e com qual critério?) ou “boas notas” (como se a “autorização” para o aluno participar da entidade fosse uma espécie de “prêmio”) etc. Isso, quando não acontece da própria equipe gestora escolher os membros

das chapas, interferindo diretamente no resultado das urnas.

Em uma escola da capital paulista, no entanto, a formação antidemocrática do grêmios se deu de outra maneira: há anos sequer acontecem eleições! Mas como, então, continua existindo um grêmios? Simples: os integrantes mais antigos indicam novos alunos e são substituídos por eles. Os novos indicam outros e assim por diante. O resultado desta manobra burocrática é que a chapa originalmente eleita nem está presente mais e a atual diretoria não foi eleita pelo conjunto dos alunos. Isso está acontecendo na E. E. Pereira Barreto, no bairro da Lapa.

Os estudantes devem rejeitar toda forma de ingerência, direta ou indireta, sobre os grêmios! Devem constituir grêmios independentes, autônomos e de luta, o que implica combater as deformações burocráticas onde elas se manifestam! A Corrente Proletária Secundarista defende que os estudantes da E. E. Pereira Barreto se organizem para conquistar eleições livres para o seu grêmios!

DICIONÁRIO MARXISTA

Iniciamos no último boletim esta seção de formação política voltada para a juventude. O verbete utilizado foi o do “socialismo” (acesse o conteúdo através de nosso blog).

DEMOCRACIA - Neste momento de eleições, ouvimos muito falar sobre democracia (“governo do povo”, de acordo com a origem grega da palavra). Refere-se a um determinado regime político ou forma de governo. Partindo dessas linhas gerais, porém, corre-se o risco de cometer um erro: o de utilizar a palavra “democracia” abstratamente, com um sentido genérico e meramente formal. O que temos no País não é uma democracia “em geral”, mas a democracia burguesa, pois o “povo”, na verdade, está dividido em classes sociais: de um lado, tem-se a burguesia, que é a minoria exploradora e opressora, que vive como parasita do trabalho da maioria; enquanto, no lado oposto, coloca-se a classe operária (ou proletariado), que é a classe que encarna, em sua luta contra a propriedade privada, a libertação do conjunto das classes e camadas sociais que constituem a maioria nacional oprimida, como os camponeses pobres, os professores, os assalariados no comércio e serviços, a juventude dos bairros operários etc.

A república democrática burguesa, portanto, é um dos regimes políticos através dos quais a burguesia impõe sua dominação sobre as massas exploradas, ou seja, é como ela impõe a sua ditadura de classe. Outras formas de sua dominação política são as ditaduras (civis ou militares), a monarquia (constitucional ou não) etc. Em quaisquer desses regimes, a burguesia sempre impõe sua ditadura de classe, a que tem por base a propriedade privada dos meios de produção. Ao concentrar o poder econômico pode, portanto, impor seus interesses às instituições políticas e seus candidatos às massas. Nesse sentido, a democracia formal é a via pela qual mascara o governo de um punhado de ricos sobre a maioria nacional oprimida. Está aí a função das eleições: é por meio delas que a classe dominante escolhe os seus representantes, que exercerão o papel de carrascos do povo.

Porém, “democracia” é um conceito que pode ser aplicado em outras situações, por exemplo, no caso das organizações de massa, como os sindicatos, grêmios estudantis, associações etc. e até partidos. Portanto, não é sinônimo exclusivamente de “eleições”. É verdade que a soberania do voto é uma parte inseparável do funcionamento demo-

crático nas organizações de massa. O ponto de partida da democracia nas organizações de massa está, formalmente, no respeito à vontade da maioria e na submissão das lideranças a ela. Mas, vai além disso, pressupõe a ampla liberdade de organização e de discussão, sem nenhuma restrição, das correntes e programas políticos adversários, garantindo o direito à livre crítica.

Dessa constatação se pode tirar outra conclusão importante: a democracia burguesa é essencialmente indireta (ou representativa, em que a maioria delega poderes a alguém para que tome decisões em seu nome). Mas, a democracia operária se caracteriza fundamentalmente por ser direta, que é quando todos têm acesso à palavra, fazem parte das decisões (isto é, podem votar) e têm o poder de colocar em prática o que foi decidido pela maioria.

Pensando num grêmios, por exemplo, a democracia direta seria aquela em que a vontade dos estudantes de base, expressa através da assembleia geral, fosse colocada acima da diretoria da entidade. Os membros da direção têm que acatar obrigatoriamente as resoluções da assembleia. Usemos um exemplo mais concreto: vamos supor que os estudantes estão sofrendo com o fechamento de salas de aula. Eles se reúnem no pátio, discutem o problema e votam um conjunto de propostas, sendo uma delas ocupar a escola como forma de protesto. Se a proposta for aprovada, os estudantes passam imediatamente a organizar e viabilizar a ocupação, tomando as medidas necessárias. Discussão, votação e ação!

A Corrente Proletária Secundarista defende a democracia operária, que é a democracia direta das massas. Fazemos a denúncia da democracia burguesa e das eleições por serem uma farsa, por serem uma forma dos capitalistas enganarem a juventude e os oprimidos em geral, impondo a sua dominação. O verdadeiro “povo”, a maioria explorada, nada tem a ver com essas eleições. A maioria somente constituirá o seu governo, que será um governo operário e camponês, se destruir o Estado burguês e construir em seu lugar o Estado operário, através da luta de classes e da revolução proletária.